

GÊNEROS DISCURSIVOS E O ENSINO DE LINGUAGEM

Neilton Farias Lins¹

Resumo: Com base na Análise da Conversação, este artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a contribuição dos gêneros discursivos nos ensino de língua materna e uma breve exposição sobre a teoria de gêneros discursivos. Essa pesquisa estudo foi realizada dentro de uma perspectiva sócio-interacionista. Nesse sentido, a análise esteve embasado nas teorias propostas por Bakhtin (1992), Halliday (1885), Koch (1993), Marcuschi (2003), Rojo (2004), Shnewly (1997), Dozl (1997) , Castilho (1998), autores que compartilham do princípio, segundo o qual o homem transforma o mundo através da utilização de instrumentos e atribuem à linguagem o papel de instrumento essencial para essa atuação transformadora. O interacionismo sócio-discursivo constitui a base teórica sobre a qual está calcada a presente indagação, e atribui à linguagem e à interação o papel de instrumentos essenciais na construção do conhecimento e na formação dos indivíduos. As idéias dos autores citados estão intimamente relacionadas e têm como vértice a linguagem enquanto agente construtor de conhecimento e, portanto, transformador da atividade humana no mundo.

Palavras-chave: gêneros discursivos, linguagem, texto

Abstract: Based on Analysis of the Conversation, this text has the objective to propose a reflection about the contribution of the discursive genders in the teaching of maternal language and an brief exhibition on the theory of discursive genders. This research study is based on the perspective partner-interactionty. In that sense, the analysis was based in the theories proposed by Bakhtin (1992), Halliday (1885), Koch (1993), Marcuschi (2003), Rojo (2004), Shnewly (1997), Dozl (1997), Castilho (1998), authors that believe that man transforms the world through the use of instruments and they attribute to the language the paper of essential instrument for that performance transformer. The socio discursive interactionism constitutes the theoretical base on which is stepped on to present inquiry, and it attributes to the language and the interaction the paper of essential instruments in the construction of the knowledge and in the individuals' formation. The mentioned authors' ideas are related intimately and they have as vertex the language while building agent of knowledge and, therefore, transformer of the human activity in the world.

Key-Words: discursive genders, language, text.

Gêneros do discurso

¹ Graduado em Letras pela FAMASUL (FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA MATA SUL) e Especialista em Língua Portuguesa pela FAMASUL

A palavra “gênero” sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela literatura com acepção designadamente literária. Segundo Todorov (1978), essa palavra tem sido usada desde Platão, cujo objetivo era distinguir o lírico, em que apenas o autor falava; o épico, em que o autor e personagem falam; o dramático, em que apenas a personagem falava. Brandão (2001, apud Santos, 2004) dizia que *o estudo de gêneros foi uma constante temática, interessava aos antigos... tanto na retórica quanto às pesquisas em , semiótica literária e teorias lingüísticas.*

Os gêneros aparecem na perspectiva da fala e da escrita dentro de um *continuum tipológico* das práticas sociais de produção textual. Embasamo-nos em Bakhtin (1992/1979), Marcuschi (2003), Rojo (2004), Shneuwly e Dozl (1997), dentre outros teóricos. Optamos pelos teóricos cuja discussão relativa à língua falada e escrita não toma posição favorável à dicotomia. Marcuschi (2003. p. 17), diz: *a oralidade e a escrita são práticas e uso da língua característica própria, mas não tão suficiente oposta para caracterizar dois sistemas lingüísticos.* Ramos (1997) tem a mesma concepção quando assume que *a correlação entre fala e a escrita está num continuum das práticas sociais.* Os pontos teóricos dos autores citados acima sobre gêneros discursivos serão expostos logo a seguir.

Antes de tecermos qualquer comentário sobre Gêneros discursivos (G.D.), , desejamos ressaltar que Bakhtin (1995) define a enunciação como um produto da relação social e completa que qualquer enunciado fará parte de um gênero. Defende ainda que, em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos. Esse autor agrupa os gêneros em dois grupos: os gêneros primários – ligados às relações cotidianas (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc; em um ângulo mais direto, esses gêneros são os mais comuns no dia-a-dia do falante e os secundários – mais complexos (discurso científico, teatro, romance etc.), referem-se a outras esferas de interação social, mais bem desenvolvidas.

Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin (1995. p.248) vê os GD como: coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e o uso da língua nessas atividades, ou seja, as concepções das práticas discursivas:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A característica do enunciado é entendida por esse teórico como todo enunciado que refuta, confirma, complementa, retoma e reavalia outros enunciados; baseia-se neles; enfim, leva-os em conta, de alguma maneira. Assim, para Bakhtin (1979), os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Logo, tem-se que gêneros são padrões comunicativos, que, socialmente utilizados, funcionam com uma espécie de modelos comunicativos globais que representam em conhecimento social localizado em situação concreta.

Rojo (2000) acentua que a definição de um *gênero discursivo está relacionado a uma esfera da comunicação*. Segundo essa autora, *o falante estaria impossibilitado de criar, modificar, alterar um gênero*. Apóia em Bakhtin (1997), o qual defende que *não pode haver conceitos preestabelecidos, ou modelos precisos e que não necessitem de acabamento*, tendo em vista que mesmo fixa a inclusão de um determinado gênero em um domínio discursivo sucinto, esse será sempre inconcluso. Isso se deve ao fato de alguns fatores dificultarem sua conceituação, como, por exemplo, o gênero textual carta pessoal em sua íntegra é visto como um gênero discursivo, cujas características estruturais e funcionais diferem, se fizermos inclusão desse mesmo gênero carta pessoal no gênero discursivo romance. O gênero romance forçará a perda das características inerentes ao gênero carta pessoal, tendo em vista que gênero romance terá supremacia sobre carta pessoal, isso implica a mudança do sentido do gênero discursivo carta pessoal. Essa negociação de sentido será construída pelo leitor.

Antes de analisar questionamentos feitos por Marcuschi sobre gêneros dos discursos, precisamos esclarecer algumas noções de *texto, discurso, domínio discursivo e tipos textuais*, uma vez que, ao longo do texto de Marcuschi (2000) encontramos-lo usando tais palavras. Koch e Fávero (1988) dizem:

(...) o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo e independente de suas extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto (...).

Halliday (apud Koch 1992) considera o texto (oral ou escrito) como a manifestação concreta do discurso, uma unidade de análise inserida numa perspectiva sócio-semiótica, na qual os significados são entendidos como criados a partir de escolhas de unidades discretas significativas, que são estruturalmente organizadas, disponíveis no sistema lingüístico e motivadas socialmente. Segundo Kress (1985)² discurso é constituído por:

(...) jogos sistematicamente organizados de declarações que dão expressão aos significados e valores de uma instituição. Um discurso provê um jogo de possíveis declarações sobre uma determinada área... Nisso provê descrições, regras, permissões e proibições sociais e ações individuais.

Nessa perspectiva, o discurso e gêneros são formados nas estruturas e processos sociais - discurso deriva das instituições, e gênero das ocasiões sociais convencionalizadas em que a vida social acontece. Os textos são, portanto, duplamente determinados: pelos sentidos do discurso que aparecem no texto e pelas formas, significados e construções de um gênero específico. Os domínios discursivos, segundo Marcuschi (2000), designam uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Tais domínios não são categoricamente textos, nem discursos, todavia proporcionam condições para aparecimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, produzimos discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., visto que tais discursos não abrangem um gênero específico, pois originam vários outros gêneros; já os *tipos textuais* designam uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição. Os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

² traduzido por nós

Quando trata de gênero discursivo, Marcuschi (2000) opta pela expressão Gêneros Textuais, uma vez que se trata de aspectos que são constituídos da natureza empírica, sejam inseparáveis ou extrínsecos da língua. Tal denominação também é justificada por se tratar de algo realizado numa situação discursiva, entretanto se a opção for a de gênero discursivo, refere-se à situação realizada no campo do discurso, isto é, a uma situação discursiva, como o contexto alude o seu aspecto sócio-comunicativo. Esse teórico (op.cit., 29-30) assinala a designação de gêneros comunicativos.

Marcuschi (2000) defende que o ensino que focalize o aprendizado da língua portuguesa, a exploração dos gêneros textuais nas modalidades da língua falada e escrita serão presumivelmente mais bem-sucedidos, visto que os alunos obtêm capacidade de se expressar distintamente nas manifestações às quais sejam expostos.

Bibliografia

- BAKHTIN, Michail. Estética da Criação verbal. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.
- BRANDÃO, Helena Nagamine (org). Gêneros do discurso na escola, 2 ed. São Paulo, Cortez. 2001.
- CASTILHO. Ataliba Texeira de. A língua falada no Ensino de Português. São Paulo. Contexto, 1998.
- DOLZ e SCHENEUWLY, B. Genres et progressio em expression orale et écrite : elements de réflexion à pros d'une experince romande. Enjeux . Tradução de Roxane Rojo, (1996)
- _____. Os Gêneros escolares- das prática de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de G.S. Cordeiro. Revista Brasileira de Educação, 11 maio/agosto. 1997.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985) An Introduction to Functional Grammar. London.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. (1985) Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective. Oxford. Oxford University Press.
- KOCH, I.G.V. (1987) Argumentação e Linguagem. São Paulo, Editora. 1987.
- _____. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1993.
- KOCH, I.G.V. e Travaglia, L.C. A Coerência Textual. São Paulo. Editora Contexto. 1990.
- MARCUSCHI, L.A. Da fala para a escrita: atividade de retextualização- 4ª ed – São Paulo, Cortez, 2003.

_____. *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. Recife, UFPR, 1990, (mimeo).

_____. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Letras, 1992, (mimeo).

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Vol. VI : Desenvolvimentos, Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

RAMOS, Jania M. O espaço da oralidade na sala de aula. São Paulo Martins Fontes. 1997.

ROJO, R.H.R. A prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCN's, São Paulo. EDUC. Campinas: Mercado das Letras. 2004.

SANTOS, M.F.O. Gêneros Textuais: Na Educação de Jovens e Adultos em Maceió, Maceió – AL, FAPEAL, 2004

_____. Professor-Aluno, As Relações de Poder, Curitiba, PR HD Livros, 1999.

_____. A Interação em Sala de Aula. Recife – PE, Bagaço, 2004

SWALES, J.M. (1990) *Genre Analysis - English in Academic and Research Settings*. Cambridge - Cambridge University Press.

TODOROV, T. Os gêneros do discurso. São Paulo, Martins Fontes, 1980.